



03 DE FEVEREIRO DE 2016

Quarta-feira

- APESAR DE DÓLAR CARO, INDÚSTRIA BRASILEIRA É POUCO COMPETITIVA
- MERCEDES-BENZ AFASTARÁ 1,5 MIL EM SBC POR TEMPO INDETERMINADO
- DEFENDIDA POR ANALISTAS, REFORMA DA PREVIDÊNCIA PÕE CENTRAIS CONTRA GOVERNO
- EM CRISE, INDÚSTRIA REDUZIU FABRICAÇÃO DE OITO EM CADA DEZ PRODUTOS EM 2015
- PREÇOS DA GASOLINA E DO ÁLCOOL BATEM RECORDE EM CURITIBA
- SUSPEITAS SOBRE RICHÁ ESQUENTAM VOLTA DOS TRABALHOS NA ASSEMBLEIA
- CRISE FAZ AUMENTAR DISPUTAS JUDICIAIS NA VENDA DE EMPRESAS
- VALLOUREC DESLIGARÁ ALTOS-FORNOS NO BARREIRO
- ABIMAQ PROPÕE RENOVAR PARQUE INDUSTRIAL BRASILEIRO
- COBRE SOBE EM LONDRES E NY APÓS BOM DESEMPENHO DA CHINA
- IBOVESPA CAI COM VALE, PETROBRAS E SIDERÚRGICAS EM BAIXA
- GRANDES SIDERÚRGICAS DA CHINA PERDEM US\$ 9,8 BI
- FITCH: SAMARCO DEVE MANTER RATING DIANTE DE EXPECTATIVA DE RECUPERAÇÃO
- URGÊNCIA NA REFORMA DA PREVIDÊNCIA OPÕE MINISTROS
- CONTA DE LUZ DEVE FICAR, EM MÉDIA, 4% MAIS BARATA
- ENTENDA AS REGRAS DO IMPOSTO DE RENDA 2016
- BNDES IRÁ PARCELAR DÍVIDAS DE PROGRAMA DE CRÉDITO SUBSIDIADO
- PARANÁ FECHA 2015 COM SUPERÁVIT PRIMÁRIO DE R\$ 1,9 BILHÃO

- MERCEDES AUMENTA LINHA DE SUVs NO BRASIL COM GLC E GLE COUPÉ
- VW COMEÇA RECALL DO DIESELGATE NA EUROPA
- FRAS-LE É CERTIFICADA NA CHINA PARA PASTILHAS E LONAS DE FREIO
- MAN LATIN AMERICA INAUGURA PRIMEIRO CENTRO DE CUSTOMIZAÇÃO NA BOLÍVIA
- IVECO VENCE GRANDE LICITAÇÃO PARA MICRO-ÔNIBUS
- ARTIGO: FRACASSO
- EMBARQUES DE MINÉRIO DA AUSTRÁLIA PARA CHINA CAEM POR FECHAMENTO DE PORTO
- VENDAS DE AUTOMÓVEIS NOS EUA EM JANEIRO SÃO MELHORES QUE O ESPERADO
- FITCH DIZ QUE ESTRUTURA DE CAPITAL DA CSN É INSUSTENTÁVEL
- VENDAS DA VOLKSWAGEN NA ALEMANHA CAEM 8,8% EM JANEIRO
- ITALIANA ENEL VÊ OPORTUNIDADES EM DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA NO BRASIL
- EXPORTAÇÕES DA ARGENTINA PARA O BRASIL TÊM NÍVEL MAIS BAIXO EM DEZ ANOS

CÂMBIO		
EM 03/02/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,957	3,958
Euro	4,354	4,357

Fonte: BACEN

Apesar de dólar caro, indústria brasileira é pouco competitiva

03/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



A forte desvalorização do real e a recessão têm sido insuficientes para reduzir de forma relevante o custo da mão de obra na indústria e elevar a competitividade do setor no exterior.

O chamado CUT (Custo Unitário do Trabalho) da indústria caiu 27,5% de janeiro para novembro de 2015, segundo cálculo do BC com base nos dados do IBGE.

O CUT é um índice relevante para medir a competitividade da indústria, porque aponta o custo do trabalho para produzir uma unidade de bem industrial. No seu cálculo, é utilizado o índice de folha de pagamentos da indústria do IBGE, ponderado pelo índice de produção física e pela taxa de câmbio.

Até agora, no entanto, a redução do custo do trabalho é muito pequena quando comparada ao significativo aumento dessa despesa, que ocorreu nos anos Lula. O CUT na indústria em novembro de 2015, último dado disponível, ainda é 158% superior ao de dezembro de 2002, antes de o PT assumir o poder.

Vários fatores incentivaram o aumento do custo do trabalho, principalmente entre 2003 e o fim de 2012, como os significativos reajustes do salário mínimo e o forte crescimento do PIB.

"A desvalorização do câmbio sempre traz alguma competitividade, mas não é sustentável. O efeito vai acabar quando a moeda brasileira estabilizar. A indústria não vai melhorar sem mais produtividade", diz Renato Fonseca, gerente-executivo da CNI (Confederação Nacional da Indústria).

Nas últimas décadas, a indústria brasileira encontra muita dificuldade para elevar sua produtividade, por causa de má gestão, infraestrutura precária e baixa qualificação dos trabalhadores.

Para José Marcio Camargo, especialista em trabalho do PUC-RJ, o forte aumento do preço dos serviços acabou impactando todos os salários do país, inclusive da indústria, por causa da disputa por trabalhadores entre os dois setores e do peso de serviços como educação e saúde no orçamento das famílias.

Ele acredita que o custo do trabalho na indústria só vai cair significativamente quando os preços dos serviços subirem em ritmo compatível ou até menor que os produtos industriais e agrícolas.

Para o professor Naércio Menezes, do Insper, o custo do trabalho na indústria hoje não é alto e apenas voltou aos patamares de 1994. "Tudo depende do período de comparação", diz.

O levantamento do BC efetivamente aponta que o custo unitário do trabalho na indústria em novembro de 2015 estava apenas 4,4% maior do que em janeiro de 1994.

Naércio explica que, entre 1995 e 2003, houve forte queda do salário no Brasil por causa do desequilíbrio externo e do fraco crescimento da economia nos últimos anos do governo FHC.

A economista Patrícia Pelatieri, especialista do Dieese, também contesta a tese de que o custo elevado do trabalho é um dos fatores que mais pesa na competitividade da indústria no exterior.

Ela afirma que o custo brasileiro do trabalho sempre foi baixo pelo menos em na comparação com outros países latino-americanos.

Mercedes-Benz afastará 1,5 mil em SBC por tempo indeterminado

03/02/2016 – Fonte: Automotive Business



A Mercedes-Benz decidiu afastar 1,5 mil funcionários da fábrica de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, por tempo indeterminado a partir de 17 de fevereiro. Todos os trabalhadores afetados são ligados ao setor de produção e fazem parte do total de pessoal excedente na unidade, calculado em 2 mil pessoas.

De acordo com informações exclusivas obtidas por Automotive Business a Mercedes-Benz decidiu ainda encerrar o segundo turno em algumas áreas da produção também a partir do dia 17 deste mês.

Os empregados envolvidos nesta nova licença já estão cumprindo paradas programadas pelo PPE, Programa de Proteção ao Emprego, bem como os demais trabalhadores da unidade, que prevê a redução de 20% da jornada de trabalho.

A montadora informa por meio de sua assessoria que serão concedidos quatro dias de PPE por mês até maio, quando termina a vigência do programa e quando planeja reavaliar a continuidade da medida. Os demais dias parados serão considerados como licença remunerada.

Segundo a Mercedes-Benz, o novo afastamento é reflexo do fraco desempenho das vendas já registrado no início deste ano, que começou pior do que o cenário visto em 2015, o que conseqüentemente afeta a produção.

Só em janeiro, o volume de emplacamentos totais de veículos comerciais pesados – que inclui caminhões e ônibus – caiu 43,5% na comparação com igual mês de 2016, fazendo o segmento voltar aos níveis de produção de 1999.

Na fábrica de São Bernardo, que emprega 10 mil pessoas, são montados caminhões, chassis de ônibus, motores e transmissões. Os trabalhadores da unidade gozaram de férias coletivas entre 21 de dezembro e 11 de janeiro, retornando às atividades no último dia 12.

Para o sindicato dos metalúrgicos do ABC, a licença remunerada não interfere no que já está acordado dentro do PPE, que garante até 12 meses de estabilidade de emprego.

No ano passado, a Mercedes-Benz adotou diversas medidas a fim de evitar demissões, principalmente na unidade paulista, concedendo folgas, esgotando banco de horas e férias coletivas.

Em agosto de 2015 decidiu aderir ao PPE em comum acordo com o sindicato dos metalúrgicos do ABC após anunciar a demissão de 1,5 mil funcionários e enfrentar greve por sete dias. Nos últimos três anos, a empresa cortou cerca de 3 mil vagas de seu quadro no Brasil.

Defendida por analistas, reforma da Previdência põe centrais contra governo

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A reforma da Previdência voltou a ser o centro das atenções após a divulgação de propostas do governo para mudar as regras para a concessão de aposentadorias. A intenção, em resumo, é unificar os critérios de acesso ao benefício, incluindo o fim das diferenças existentes entre homens e mulheres, além da fixação de uma idade mínima – as mudanças são defendidas por analistas, mas fortemente criticadas por centrais sindicais, o que pode ser uma barreira para a aprovação da reforma.

Mesmo com as propostas finais ainda sendo formuladas, o governo tem urgência nas mudanças. Diante do déficit de R\$ 85,5 bilhões na Previdência em 2015, o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, afirmou que pretende enviar as propostas ao Congresso Nacional ainda neste semestre. A ideia é que a reforma seja profunda e não apenas paliativa, ajudando a equilibrar o caixa do governo federal a partir de um processo descrito como “lento e gradual”, ao longo dos próximos 20 ou 30 anos.

Urgência na reforma da Previdência opõe ministros

Ministro Nelson Barbosa afirmou que proposta com mudanças para acesso ao benefício será enviada ao Congresso ainda neste semestre.

Para o consultor Renato Follador, especialista em Previdência Social, as mudanças, que acabarão atrasando o acesso à aposentadoria, são inevitáveis. Ele lembra que o brasileiro se aposenta, em média, com 54 anos, número bem abaixo do visto nos demais países participantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). “A média desses países é que as pessoas passem 16% do tempo de vida aposentados. No Brasil, que é um país pobre, a média é de 32%”, reforça.

Outra questão importante na reforma é como a regra única vai ser aplicada. A preocupação é que a mudança afete quem já está no mercado de trabalho, principalmente o trabalhador em vias de se aposentar. O governo não explicou como vai ser o processo, limitando-se apenas a dizer que não vai retirar direitos adquiridos.

Para Follador, uma alternativa é aumentar aos poucos a idade mínima para liberar o benefício, até chegar a 65 anos – idade cogitada pelo governo. “No caso das mulheres,

o que pode ser feito é permitir que elas tenham um tempo um pouco maior para essa adequação”, diz.

Há quem defenda, por outro lado, que a implantação das novas regras ocorra já a curto prazo. Para o consultor econômico Raul Velloso, o governo precisa aprovar a reforma e colocar em vigor os novos critérios o mais rápido possível para evitar uma explosão da “bomba da Previdência”. “O ideal seria que as mudanças fossem imediatas. Elas não podem ser tão graduais, pois o efeito precisa aparecer em até 30 anos e não a partir disso”, afirma.

Aposentadoria rural

As mudanças também atingem as isenções de recolhimento para produtores rurais. A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, já se posicionou contra as alterações, alegando que essa é uma medida que afetaria de maneira significativa um setor que está ajudando o país a sair da crise.

“A Previdência é um seguro. Você contribui e recebe o equivalente por aquilo. No final, a conta zera. Com o setor agrícola, isso não acontece”, aponta o consultor Renato Follador.

Mudanças

Atualmente, as regras para aposentadoria variam de acordo com o setor e o sexo do trabalhador:

Idade mínima

Os servidores públicos são os únicos a terem uma idade mínima para se aposentarem: de 60 anos para mulheres e 65 anos para homens, além de 15 anos de contribuição. A proposta é unificar essas regras entre homens e mulheres e também entre os diferentes setores, adotando a idade mínima de 65 anos.

Tempo de contribuição

No setor privado, basta ter o tempo de contribuição mínimo para ter direito ao benefício. São 30 anos para as mulheres e 35 para os homens. Com as novas regras, essa opção seria descartada.

Tributação agrícola

Produtores rurais devem recolher 2,6% do faturamento para a Previdência, mas ficam isentos caso exportem parte da produção. A reforma da Previdência também deve acabar com esse benefício.

Sindicatos protestam contra mudanças

Os sindicatos não demoraram a expressar repúdio às propostas do governo para a reforma da Previdência. Ao que descreveu como uma “forma covarde de prejudicar os trabalhadores”, o presidente da Força Sindical e deputado federal Paulo Pereira da Silva (Solidariedade) disse que as mudanças prejudicariam tanto as mulheres, que precisarão trabalhar mais tempo para ter direito à aposentadoria, quanto quem ingressa cedo no mercado de trabalho. “Ou seja, a maioria dos trabalhadores brasileiros”, afirma em nota.

A Associação dos Professores do Paraná (APP) e o Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região Metropolitana disseram estar alinhados com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que vê as alterações como “desnecessárias”, reforçando que possíveis mudanças não devem trazer diminuição de direitos.

“O que está em jogo é muito mais uma questão política para impulsionar a previdência complementar do que uma necessidade real”, conclui Hermes Leão, presidente da APP.

Em crise, indústria reduziu fabricação de oito em cada dez produtos em 2015

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

A crise que abateu a indústria em 8,3% no ano passado, pelo segundo ano consecutivo, se espalhou por variados ramos e provocou reduções na produção de oito em cada dez itens industriais pesquisados pelo IBGE.

Dos 805 produtos industriais investigados, 78,3% tiveram queda de produção em 2015 na comparação com o ano anterior. São desde televisores e automóveis a bens de consumo considerados mais essenciais, como alimentos.

Esse percentual foi o maior desde 2013, quando o IBGE passou a calculá-lo, superando os índices registrados em 2014 (63,7%) e 2013 (47,8%), informou André Macedo, gerente da coordenação de indústria do IBGE.

“Foi um ano [o de 2015] caracterizado por quedas intensas e também de perfil disseminado. A queda atingiu desde os bens mais supérfluos aos bens essenciais”, disse Macedo, durante coletiva nesta terça-feira (2).

Indústria cai 8,3% em 2015, pior desempenho da série histórica

Entre os produtos que ainda cresciam em 2014 e que sucumbiram à crise no ano passado estão os dos ramos de bebidas (-5,9%) e farmacêuticos (-12,2%). Também passaram a recuar itens do ramo de perfumaria e sabões (-3,8%).

No setor de automóveis, 97% dos 37 produtos acompanhados pelo IBGE tiveram queda na produção. No ramo de alimentos, um dos maiores da pesquisa em número de itens, a queda ocorreu em mais de 65% dos produtos.

Dos poucos produtos acompanhados pelo IBGE com aumento de produção no ano passado estava o minério de ferro.

Pressão

Segundo Macedo, o desempenho ficou mais negativo por fatores como o baixo nível de confiança dos empresários e das famílias, o que inibe, respectivamente, decisões de investimentos e de consumo de produtos menos essenciais.

“Essas famílias são afetadas pelo aumento do desemprego, renda real do trabalhador em queda, crédito mais escasso. Além, é claro, do aumento da inflação. Isso produz um comportamento negativo no comércio e afeta a indústria”, disse ele.

Pelas grandes categorias econômicas, todas tiveram queda no ano passado. Bens de capital (que incluir máquinas e equipamentos) foi o destaque, com queda de 25,5%, a maior da série da pesquisa iniciada em 2003.

Também tiveram queda bens intermediários (-5,2%), bens de consumo duráveis (-18,7%) e semi e não duráveis (-6,7%).

Preços da gasolina e do álcool batem recorde em Curitiba

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Enquanto o petróleo fica mais barato lá fora, os preços dos combustíveis batem recordes no mercado brasileiro. Em janeiro, o consumidor curitibano pagou, em média, R\$ 3,51 pelo litro da gasolina e R\$ 2,65 pelo álcool.

Os preços, coletados entre os dias 1.º e 28, representam as maiores médias mensais – em valores nominais – apuradas desde o início das pesquisas da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em julho de 2001.

Em termos reais, ou seja, atualizando os valores passados pela inflação acumulada até dezembro de 2015 (dado mais recente), os preços atuais ainda estão distantes dos maiores já registrados.

Com a correção pelo IPCA, o maior valor mensal para o etanol em Curitiba seria o de março de 2006, quando o combustível foi vendido por R\$ 2 o litro – o equivalente, hoje, a R\$ 3,50. No caso da gasolina, os R\$ 2,19 por litro registrados em fevereiro de 2003 correspondem atualmente a R\$ 4,65.

Acima da inflação

Na comparação com a média de dezembro de 2015, a gasolina subiu 0,4% nos postos de Curitiba em janeiro, enquanto o etanol ficou 1,6% mais caro. Em 12 meses, os reajustes foram de 22% e 34,5%, respectivamente. Bem acima da inflação, que fechou 2015 em 10,67% pela medição do IPCA.

O preço da gasolina subiu no embalo dos reajustes feitos pela Petrobras na refinaria – de 3% em novembro de 2014 e 6% em setembro de 2015 – e do aumento das margens das distribuidoras. Essas empresas, que compram o combustível da indústria e o revendem aos postos, elevaram seus preços em 24% nos últimos 12 meses, em média, segundo a ANP.

Uma parte do aumento também está relacionada à tributação. Em abril do ano passado, o governo paranaense elevou a alíquota do ICMS de 28% para 29%, o que, segundo cálculo feito à época pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), teria impacto de 1,4% sobre o preço na bomba.

Demanda

Os reajustes do álcool são resultado, principalmente, do aumento da demanda. Uma vez que os aumentos da gasolina tornaram o etanol mais competitivo para carros com motor flex durante boa parte do ano, consumidores de vários estados migraram para o combustível vegetal. Levantamento do Sindicom (que representa as distribuidoras) mostra que, enquanto a venda total de combustíveis no país baixou 3% em 2015, o consumo de etanol cresceu 39%.

Nas usinas de São Paulo, que respondem por 60% da produção nacional, o combustível de cana-de-açúcar ficou quase 40% mais caro nos últimos 12 meses, segundo levantamentos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP). No mesmo período, os preços cobrados pelas distribuidoras subiram 37%, em média, segundo a ANP.

Suspeitas sobre Richa esquentam volta dos trabalhos na Assembleia

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Ausente da abertura dos trabalhos da Assembleia Legislativa na terça-feira (2), o governador Beto Richa (PSDB) foi o tema principal das discussões em virtude do pedido da Procuradoria Geral da República (PGR) para investigá-lo sobre supostas irregularidades no âmbito da Operação Publicano.

Representante do tucano na solenidade, a vice-governadora Cida Borghetti (Pros) afirmou que “o governo é o maior interessado em que tudo seja investigado”.

Líder do Executivo na Casa, o deputado Luiz Claudio Romanelli (PMDB) declarou que Richa sairá inocentado de qualquer investigação que seja feita no caso. "O governador vai se defender normalmente dessas suspeitas", disse.

Já o petista Tadeu Veneri, líder da oposição, afirmou que Richa precisa "inventar uma desculpa mais criativa" do que dizer que o pedido da PGR tem o objetivo de desviar o foco da corrupção no governo federal.

Crise faz aumentar disputas judiciais na venda de empresas

03/02/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Não bastassem os problemas com o caixa, empresas brasileiras que tiveram ativos (participações ou a totalidade da companhia) vendidos nos últimos anos enfrentam o questionamento do negócio por parte dos compradores.

Com a crise, essas empresas não atingem as metas de desempenho esperadas e são alvo de processos que pedem a revisão dos termos de compra e venda, ou até mesmo a anulação do acordo.

Especialistas consultados pelo **Estado** percebem o crescimento desse tipo de processo, principalmente nos negócios feitos com base em projeções de ganhos no futuro (o comprador recebe conforme o desempenho da empresa vendida).

A rentabilidade esperada não se confirma e isso acaba gerando a discussão", diz Maria Cristina Cescon, sócia do Souza, Cescon, Barriou & Flesch Advogados. A executiva afirma que esse tipo de risco não estava no radar dos investidores no passado: "A margem de erro não foi tão larga", completa.

Sócio da consultoria PwC, Rogério Gollo complementa com um exemplo: "Uma queda de 20% na receita, tal como a vista no setor agrícola e no varejo, não estava prevista em cálculos feitos há seis meses."

Como muitos casos se desdobram em câmaras de arbitragem - que garantem sigilo aos processos - não há dados exatos sobre as disputas no País.

A câmara da Fiesp, por exemplo, registrou três processos desse tipo em 2015 e sete casos no ano anterior. Todos tratam de negócios realizados entre 2004 e 2013.

"O setor industrial está muito ruim. As empresas adquiridas não atingem as metas e o comprador não quer pagar o valor acertado conforme as projeções de desempenho", afirma Marcelo Godke, sócio do escritório Godke Silva & Rocha.

Outro exemplo dado pelo advogado, mas que está menos relacionado ao cenário econômico, vem do setor de tecnologia: "A falta de experiência dos fundadores de startups em respeitar contratos pode resultar em um processo", alerta.

No entanto, indústria e tecnologia não são as únicas que sofrem com o arrependimento dos compradores. Também sócio do escritório Souza Cescon, Carlos Braga destaca que o aumento das disputas pode ser verificado em todos os setores da economia.

Erro de avaliação. As disputas em fusões e aquisições também podem ser geradas por erros de interpretação das informações da empresa alvo da compra, diz Fernando Serec, presidente do escritório TozziniFreire Advogados.

Ele destaca a avaliação feita por processos de auditoria nessas companhias como uma das causas e aponta o preço do serviço como um dos fatores que concorre contra uma análise mais detalhada: "As auditorias não são mais tão exaustivas como no passado", avalia.

Sócio da consultoria Deloitte, Alex Borges afirma que as companhias abertas no Brasil têm procurado analisar seus processos internos com o objetivo de evitar disputas.

"O mercado vem requerendo que essas informações sejam melhor classificadas", diz e dá o exemplo do novo modelo de Formulário de Referência exigido pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). No documento, que todas as empresas com ações na Bolsa têm de entregar ao órgão, as companhias precisam detalhar riscos a que estão expostas.

Vallourec desligará altos-fornos no Barreiro

03/02/2016 – Fonte: Diário do Comércio

O grupo Vallourec anunciou ontem um pacote de ações estratégicas para melhorar a competitividade e reforçar as finanças. Entre as medidas anunciadas, o conglomerado confirmou que vai promover a fusão entre a Vallourec Tubos do Brasil S/A (VBR) com a Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil Ltda. (VSB), criando a Vallourec Soluções Tubulares do Brasil. Com a operação, uma série de mudanças está prevista nas unidades do grupo em Minas Gerais.

Uma delas é o desligamento do alto-forno II da Usina Barreiro, em Belo Horizonte, já neste ano, conforme anunciado anteriormente, e também o desligamento do alto-forno I e da aciaria, no segundo semestre de 2018.

Assim, toda a produção de ferro-gusa e de aço será concentrada na usina de Jeceaba, no Campo das Vertentes, enquanto os laminadores e as plantas de acabamento de tubos na capital mineira continuarão operando normalmente.

Em nota, a empresa afirma que isso vai trazer "significativas sinergias industriais, bem como ganhos administrativos". A Vallourec terá dois anos para minimizar os impactos sociais dessas medidas por meio de transferências internas na própria Usina Barreiro, transferências voluntárias de empregados de Belo Horizonte para Jeceaba e, também, por meio da rotatividade natural da força de trabalho.

A todo, as duas operações do grupo geram cerca de 5,5 mil empregos diretos, sendo 3,4 mil empregados na Usina do Barreiro da VBR e 2,1 mil funcionários na usina em Jeceaba da VSB.

No documento enviado à reportagem, a empresa explica que "todos os postos de trabalho envolvidos nessa mudança já foram amplamente estudados e os impactos serão minimizados com remanejamentos baseado em três frentes de atuação".

A primeira delas é a absorção interna de mão de obra, principalmente nas áreas de produção da Usina Barreiro, através de transferências para reposição do quadro de pessoal decorrente da rotatividade. A segunda frente é a substituição gradativa dos empregados já aposentados e dos que irão se aposentar nos próximos três anos.

Por fim, a Vallourec acrescenta que também serão aproveitadas oportunidades de transferências para vagas que surgirem na usina em Jeceaba ou nas empresas subsidiárias do grupo Vallourec (Mineração, Florestal, Transporte e Serviços, TSA – empresas que não fazem parte da fusão entre a VBR e a VSB).

O desligamento do alto-forno II da Usina Barreiro está previsto para abril e o abafamento do alto-forno I e da aciaria para o segundo semestre de 2018. Com isso, toda a produção de ferro-gusa e de aço da Usina Barreiro será futuramente realizada na usina de Jeceaba, que possui capacidade instalada suficiente para assumir a demanda produtiva em questão. Os laminadores e as plantas de acabamento de tubos em Belo Horizonte continuarão operando normalmente.

Controle - A VBR é integralmente controlada pela Vallourec e a VSB é uma *joint venture* entre a Vallourec (56%) e Nippon Steel & Sumitomo Metal Corporation – NSSMC (44%). Com a criação da Vallourec Soluções Tubulares do Brasil, a Vallourec deterá participação majoritária de 85% e a NSSMC os 15% restantes. A operação de fusão requer ainda a aprovação por parte das autoridades governamentais, como o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

“O estabelecimento de uma estrutura industrial e administrativa mais enxuta e efetiva, a continuidade dos investimentos, dos projetos de pesquisa e desenvolvimento, assim como da inovação em produtos e serviços, demonstra a convicção da Vallourec na recuperação do mercado interno e na competitividade do Brasil como plataforma de exportação do grupo”, justificou na nota a Vallourec.

Entre as mudanças anunciadas pelo grupo, as operações da Vallourec na Europa também serão racionalizadas a fim de concentrar as atividades de laminação na Alemanha e atividades de acabamento na França.

Esse projeto de racionalização compreende o fechamento de unidades ao redor do continente, o que resultará em uma redução de 50% na capacidade produtiva de tubos em 2017, comparado ao nível de 2014.

Na China, desde 2011, a Vallourec possui 19,46% de participação na empresa Tianda Oil Pipe (TOP), uma fabricante de tubos sem costura chinesa listada na Bolsa de Valores de Hong Kong.

A Vallourec também vai adquirir uma participação adicional, atingindo 70,07% do controle acionário da TOP e lançará posteriormente uma oferta obrigatória para as ações restantes.

Abimaq propõe renovar parque industrial brasileiro

03/02/2016 – Fonte: Diário do Comércio

Diante das perspectivas de mais um ano conturbado no que diz respeito ao desempenho da economia e, conseqüentemente, à produção industrial, a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) inicia o segundo mês de 2016 com uma nova proposta de renovação do parque industrial nacional.

Chamado em 2014 de Inovar Máquinas e depois batizado de “Modermaq”, o projeto propõe a substituição de máquinas sucateadas por novas de moderna tecnologia e de alto rendimento.

A ideia é “pegar carona” na estratégia do governo de estimular as exportações e retomar o crescimento a partir do mercado externo, promovendo a renovação dos parques fabris, obtendo-se maiores ganhos de produtividade, de qualidade e de rentabilidade. É o que explica o vice-presidente regional da Abimaq, Marcelo Luiz Veneroso.

“Nosso parque industrial está envelhecido. Enquanto países como a Alemanha têm

maquinário de idade média de cinco anos, no Brasil esse período chega a 20 (anos). Isso é competitividade na veia. Os equipamentos evoluíram demais nas últimas duas décadas, incorporando itens eletrônicos e novas tecnologias. Se quisermos ganhar mercado em âmbito internacional, será preciso renovar a produção”, explica.

Quando foi lançado em 2014, em conjunto com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o plano original previa que para ter o benefício, a empresa teria de sucatear a máquina (se vendida, a máquina continuaria no mercado).

Na época, a entidade estimava que o plano movimentaria cerca de R\$ 23 bilhões. O projeto acabou não saindo do papel, em virtude da necessidade de ajuste fiscal. Agora, estuda-se a renovação apenas das máquinas com mais de 20 anos, o que movimentaria cerca de R\$ 6 bilhões.

“Há o ganho para o governo também, pois por mais que as máquinas sejam subsidiadas, há a arrecadação no processo de compra e venda dos equipamentos e posteriormente também com o aumento de produtividade das empresas que se renovam”, diz.

Comissão - Assim, foi formada uma comissão para estudar novas formas de estímulos e um novo plano deve ser apresentado ao Conselho de Administração da entidade em fevereiro e, posteriormente, levado ao governo.

“Nós acreditamos que essa proposta é boa imediatamente, só que o governo tem o tempo dele. Gostaríamos que a proposta fosse aprovada ainda esse ano, pois a entidade julga que além de ser importante para o setor de bens de capital, é também para o governo”, afirma o vice-presidente regional da Abimaq.

Em relação à adesão por parte do empresariado brasileiro, Veneroso destaca que sempre há o interesse por parte da classe de ganho de produtividade. “Máquina é produção e a própria produção paga”, conclui.

Cobre sobe em Londres e NY após bom desempenho da China

03/02/2016 – Fonte: Exame



Os futuros de cobre operam em alta em Londres e Nova York, após o desempenho positivo dos mercados acionários chineses.

A Bolsa de Xangai, a principal da China, fechou o pregão desta terça-feira em alta de 2,3%, após o banco central chinês (PBoC) voltar a injetar recursos no sistema financeiro por meio de operações de mercado aberto.

A injeção de hoje foi de 100 bilhões de iuanes (US\$ 15,2 bilhões).

Recentemente, o PBoC intensificou as injeções de capital, com o objetivo de prover liquidez antes do feriado do ano-novo chinês, que será ao longo da próxima semana. A China é o maior consumidor mundial de cobre e de outros metais básicos.

Por volta das 9h35 (de Brasília), o cobre para três meses negociado na London Metal Exchange (LME) subia 1%, a US\$ 4.605,00 por tonelada, após tocar uma máxima em três semanas durante a sessão, de US\$ 4.628 por tonelada.

Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para março avançava 1,05%, a US\$ 2,0770 por libra-peso, às 9h40 (de Brasília).

Ibovespa cai com Vale, petrobras e siderúrgicas em baixa

03/02/2016 – Fonte: Valor Econômico

O Ibovespa registrava baixa de mais de 1% em uma hora de negócios. Às 11h03, o índice da Bolsa paulista apresentava desvalorização de 1,33%, aos 39.867 pontos, em linha com as perdas dos mercados internacionais. Atividades industriais piores na China e na Europa, além da queda do petróleo, pressionam os mercados de ações.

O barril de petróleo nos Estados Unidos é negociado em baixa. O preço do minério de ferro, por sua vez, reabriu acima de US\$ 43 por tonelada, em alta de 3,1%, mas as ações da Vale e das siderúrgicas tinham queda. Vale PNA recuava 3,18%, Vale ON cedia 2,88%, Usiminas PNA diminuía 1,18% e CSN perdia 1,41%.

A agência de classificação de risco Standard & Poors (S&P) reavaliou as condições financeiras e as perspectivas da Usiminas e da CSN. A S&P rebaixou o rating da Usiminas e da CSN, citando entre os motivos as fracas condições do minério de ferro no Brasil, os juros altos, a dificuldade em gerar fluxo de caixa e o alto endividamento das duas companhias.

A situação de endividamento da Usiminas é ainda mais preocupante e a S&P ressaltou em relatório que a empresa pode deixar de pagar suas obrigações nos próximos 12 a 18 meses se as condições do mercado não melhorarem.

Diante desse contexto de endividamento, a Usiminas emitiu um comunicado ao mercado, na sexta-feira passada, negando os rumores de que precisa de injeção de capital no curto prazo.

A Vale também teve a nota cortada pela S&P na sexta-feira passada. Petrobras segue a perda do petróleo no mercado internacional e apresentava baixa. A PN declinava 2,48% e a ON perdia 2,45%.

Grandes siderúrgicas da china perdem US\$ 9,8 bi

03/02/2016 – Fonte: Valor Econômico

Uma forte reversão enfrentada pelo setor siderúrgico chinês levou mais de metade de seus grandes produtores a reportar prejuízos no ano passado.

As empresas membros da Associação Chinesa do Ferro e Aço (Acfa) sofreram um prejuízo combinado de 64,5 bilhões de yuans (US\$ 9,8 bilhões), em comparação com lucros de 22,6 bilhões de yuans em 2014.

A indústria de aço no país, que responde por mais de metade da produção mundial, sofreu, no ano passado, uma contração pela primeira vez em quase 35 anos, tendo a produção de aço bruto caído 2,3% - sua primeira queda desde 1981.

A demanda por aço está definhando devido à um esfriamento das atividade de construção civil e indústria pesada, numa desaceleração evidenciada ontem, quando o

índice dos gerentes de compras (PMI, em inglês) da indústria de transformação chinesa caiu de 49,7 em dezembro para 49,4 em janeiro.

Um PMI abaixo de 50 indica uma queda da atividade.

Li-Gang Liu, economista-chefe do ANZ e especializado em China, disse que o número sugere que "a contração no setor de manufatura ficou mais arraigado". O especialista observou que a produção de aço ano sobre ano caiu 12% tanto em dezembro como no início de janeiro.

O Birô Nacional de Estatísticas atribuiu a queda mais forte do que a esperada à campanha do governo visando reduzir o excesso de capacidade industrial, especialmente nos setores de aço e do carvão, bem como a um efeito de contaminação dos feriados do Ano Novo Lunar. Os feriados começam em 7 de fevereiro e as empresas muitas vezes suspendem as atividades com semanas de antecedência.

A desaceleração econômica chinesa atingiu duramente a demanda doméstica por aço em 2015, pois setores intensivos em uso de aço, entre eles o setor imobiliário, antes resistente, perdeu o impulso para lançar novos projetos, diante do excedente de estoques.

A Acfa, que atribui a culpa dos prejuízos no setor à queda nos preços domésticos, disse que seu índice de preços caiu mais de 30% ao longo de 2015.

O fechamento de usinas permanece improvável, apesar dos prejuízos, porém, em parte devido a temores de que demissões em massa subsequentes possam produzir instabilidade social.

Apenas o fechamento das chamadas "empresas zumbis" poderia significar 400 mil demissões, segundo recente discurso de Li Xinchuang, diretor do Instituto de Planejamento e Pesquisa da Indústria Metalúrgica Chinesa.

Confrontado com essas questões, aumentar os volumes de exportação continua sendo o paliativo escolhido pela indústria para o excesso de capacidade. As exportações de aço chinesas cresceram mais de 20% em 2015, para 112 milhões de toneladas.

A enxurrada de aço chinês está alimentando uma onda de protecionismo comercial, à medida que empresas em outras partes do mundo enfrentam dificuldades para competir com os preços chineses. No ano passado, 37 processos foram iniciados contra produtores de aço chineses, a maioria por razões antidumping.

Fitch: samarco deve manter rating diante de expectativa de recuperação

03/02/2016 – Fonte: Valor Econômico

A agência de classificação de risco Fitch espera que a Samarco Mineração, joint venture entre a Vale e a BHP Billiton, consiga sustentar o seu rating 'BB-', em meio às expectativas de que a companhia alcance um acordo que viabilize suas operações e promova sua recuperação, após o rompimento da barragem da empresa em novembro do ano passado em Mariana (MG).

Em relatório divulgado hoje e que abre uma série de avaliações sobre companhias com maior risco financeiro na América Latina, a Fitch lembra que as discussões sobre a situação da empresa estão em andamento e um resultado deverá ser anunciado em fevereiro. "O fracasso em alcançar um acordo iria complicar a capacidade da Samarco para retomar as operações em tempo hábil", diz.

“O colapso de um acordo entre a Samarco, seus acionistas e autoridades competentes levaria a um rebaixamento múltiplo. Sem um acordo, a empresa teria de enfrentar uma barreira significativa para a retomada das operações antes de suas reservas se esgotarem, prejudicando o apoio dos acionistas em um momento de preços do minério em baixa e elevando a possibilidade de falência”, continua.

De acordo com o documento, a Samarco acabará por voltar a operar na mineração e ao mercado de pelotas de minério de ferro, após a empresa cumprir pagamentos, obrigações e reparação aos danos. Os índices de alavancagem da empresa deverão permanecer altos e com pressão sobre o fluxo de caixa, mas isso deve ser compensado pela assistência que os controladores deverão prestar à empresa.

Dessa forma, a Samarco deverá contar com liquidez suficiente para aumentar a produção e refinar “com sucesso” a amortização de US\$ 1 bilhão em curso. “A Fitch também espera uma injeção de caixa, em forma de empréstimo bancário ou suporte financeiro dos acionistas controladores, para fazer a Samarco voltar a funcionar, se necessário”, analisa.

A Fitch havia rebaixado o rating da Samarco de ‘BBB’ para ‘BB-’ - tirando o grau de investimento da empresa — em dezembro do ano passado. Desde então, a observação da nota estava em revisão.

Urgência na reforma da Previdência opõe ministros

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Enquanto o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, marcou posição pelo envio o quanto antes de uma proposta de reforma da Previdência ao Congresso Nacional, o ministro da área, Miguel Rossetto, defendeu que não há urgência para mudar as regras a toque de caixa e rejeitou a necessidade de mudanças por conta da recessão econômica.

“Temos de separar um problema conjuntural, causado pelo ambiente recessivo e aumento do desemprego, de um debate de médio e longo prazos”, afirmou Rossetto ao jornal *O Estado de S. Paulo*. “O mais importante é assegurar: não haverá surpresas. Estamos falando da expectativa de milhões de brasileiros.”

No Ministério da Fazenda, a ideia é que o governo apresente no próximo encontro do fórum que reúne empresariado e centrais sindicais as linhas gerais de um modelo que unificará as regras para se aposentar no Brasil.

Pela proposta, não haverá diferença entre as exigências nos regimes urbano, rural e público. Deixarão de existir regras distintas para homens e mulheres. O Brasil passaria a ter idade mínima para aposentadoria, de 65 anos. Atualmente, o País é um dos poucos no mundo que não tem a exigência.

A transição, porém, pode ser feita com gradualismo da regra atualmente em vigor, 85/95 pontos (correspondentes à soma da idade e do tempo de contribuição).

Impasse

A resistência de Rossetto, ligado às centrais sindicais, à reforma pode retardar o envio da proposta ao Congresso. No entanto, segundo interlocutores da presidente Dilma Rousseff, é uma decisão de governo. Ela, inclusive, ignorou a recomendação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que não era recomendável, por ora, tocar nesse vespeiro.

Nesta terça-feira (2), em sessão do Congresso, Dilma disse que o governo está aberto para ouvir sugestões da proposta de reforma da Previdência, que deve ser enviada ainda no primeiro semestre. "Devemos lembrar que em um momento de crise surge a possibilidade de construir soluções duradouras. A reforma da Previdência não é medida em benefício do atual governo, seu impacto é uma questão do Estado brasileiro, de médio e longo prazos", discursou.

Segundo ela, a proposta para aprimorar as regras de aposentadoria por idade e tempo de contribuição será "exequível e justa", respeitará os direitos adquiridos e elevará expectativa de direitos. "Não vamos retirar nenhum direito dos brasileiros", prometeu a presidente.

"Ralos"

O Ministério do Trabalho e da Previdência Social não vê "descontrole das despesas", mas, mesmo assim, estuda formas de aumentar a receita, como o fim da isenção do pagamento da contribuição previdenciária para exportadores.

O consultor de orçamento da Câmara, Leonardo Rolim, concorda que é preciso acabar com os "ralos" que diminuem as receitas da Previdência. No entanto, segundo ele, se o governo decidir acabar com o benefício para o agronegócio, terá de pôr fim também na isenção que a indústria usufrui.

"O governo vai tirar a isenção da indústria, dos queridinhos? O Brasil adora ter dois pesos e duas medidas. Ou tira de todo mundo ou deixa para todo mundo", reforça.

Conta de luz deve ficar, em média, 4% mais barata

03/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou ontem que os consumidores brasileiros terão que contribuir menos neste ano com o fundo do governo que financia ações no setor elétrico, chamado de Conta de Desenvolvimento Energético (CDE). Por conta disso, as contas de luz no país terão uma redução média de 4% em 2016.

O impacto dessa medida não é automático. Será mais rápido para uns e mais demorado para outros. Isso porque o consumidor vai senti-lo quando a distribuidora que o atende passar pelo reajuste anual da Aneel. São 63 distribuidoras no país e os reajustes são analisados ao longo do ano.

Ontem, a diretoria da agência aprovou o orçamento da CDE para 2016. No total, serão necessários R\$ 19,385 bilhões para financiar as ações do fundo.

Esse dinheiro será gasto, por exemplo, no subsídio para conta de luz de famílias de baixa renda, pagamento de indenizações e a compra de parte do combustível usado nas termelétricas que geram energia para consumidores que vivem em algumas partes do Norte do país, onde não chega a rede nacional de linhas de transmissão de eletricidade.

Do orçamento total, os consumidores vão contribuir com R\$ 12,947 bilhões, arrecadados via conta de luz.

Esse valor, apesar de alto, é 31,5% menor que a contribuição de 2015: R\$ 18,920 bilhões. É essa redução que vai permitir o barateamento das tarifas em até 4,5%.

03/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Nesta terça-feira (2), a Receita Federal divulgou as regras de declaração do Imposto de Renda em 2016 (referente ao ano-calendário 2015). Entenda abaixo o funcionamento do imposto, de acordo com informações do órgão:

QUEM DEVE DECLARAR?

- Todos que tiveram rendimentos tributáveis superiores a R\$ 28,123,91 no ano.
- Pessoas que tiveram rendimentos isentos (como a poupança) superiores a R\$ 40 mil.
- Quem teve, em qualquer mês do ano, ganhos de capital na venda de bens e direitos sujeitos a incidência de imposto.
- Quem realizou operações em bolsas de valores.
- Produtores rurais que tiveram receita bruta superior a R\$ 140,6 mil no ano.
- Quem pretende compensar prejuízos de anos anteriores.
- Quem teve, em 31 de dezembro, a posse ou propriedade de bens e direitos, inclusive terra nua, acima de R\$ 300 mil.

QUANDO?

- A entrega da declaração começa em 1º de março e vai até 29 de abril. O programa estará disponível para download a partir de 25 de fevereiro.

QUANTAS PESSOAS DEVEM DECLARAR?

- 28,5 milhões. No ano passado esse número foi de 27,9 milhões.

TABLET E SMARTPHONE

- A declaração por meio desses dispositivos ainda não tem data para começar porque depende dos sistemas Android e IOS para ir ao ar.
- Não podem declarar via tablet ou smartphone:
Quem teve rendimentos tributáveis superiores a R\$ 10 milhões em 2015.
Quem recebeu rendimento no exterior.
Quem teve rendimentos com exigibilidade suspensa.

DEDUÇÕES

- Desconto simplificado: quem opta pela declaração simplificada tem um desconto automático de 20% limitado, neste ano, a R\$ 16.754,34.
- Por dependente: R\$ 2.275,08.
- Por instrução: R\$ 3.561,50 (por CPF, do titular ou dependentes).
- Por empregado doméstico: R\$ 1.182,20 (limitado a um empregado).
- Despesas médicas não têm limite.

BNDES irá parcelar dívidas de programa de crédito subsidiado

03/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

Devedores do PSI (Programa de Sustentação do Investimento), que dava financiamento subsidiado para a compra de máquinas e equipamentos, poderão parcelar em até 24 vezes parcelas já vencidas dos empréstimos tomados.

O refinanciamento é uma das medidas detalhadas pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) nesta terça-feira (2), como parte do pacote de estímulo à economia. O pacote foi anunciado pelo governo na última quinta (28).

A parte que cabe ao BNDES pode injetar até R\$ 26 bilhões na economia por meio de empréstimos para fortalecer o caixa das empresas e fomentar exportações e compras de equipamentos.

As medidas vão na direção contrária da estratégia adotada no fim de 2014, quando a ideia era reduzir a participação do banco na oferta de crédito, encarecendo os juros após anos de pesados subsídios.

O presidente do banco, Luciano Coutinho defendeu que nenhum dos produtos oferecidos será subsidiado e que as condições atuais de capitalização do banco permitem a oferta dos juros mais baixos no programa de estímulo, sem necessidade de recursos do Tesouro.

O refinanciamento das dívidas atende a pleito da indústria de máquinas e equipamentos, que alegava não ter condições de cumprir os compromissos assumidos em anos anteriores. Segundo as regras detalhadas nesta terça (2), os devedores com até 12 parcelas ainda a vencer poderão amortizar sua dívida em até 24 meses.

Os pagamentos dos débitos antigos terão juros de 15,73% ao ano e só começarão a ser feitos após o fim de todas as parcelas restantes. Coutinho, disse que a medida atende a empresas que "investiram em equipamentos e estão enfrentando ociosidade" e pode representar o desembolso de R\$ 15 bilhões.

As negociações para o refinanciamento serão feitas entre os devedores e os bancos que repassaram recursos do PSI. Além do refinanciamento, o pacote do BNDES inclui redução de juros em programas de apoio ao capital de giro de empresas e de crédito para exportação. No primeiro caso, o banco está reduzindo em até 25% o custo de empréstimos e sua linha de capital de giro.

O maior desconto foi dado ao grupo de empresas com faturamento até R\$ 16 milhões, que terão as taxas reduzidas de 15,23% para 11,67% (sem contar as taxas de juros cobradas pelos bancos repassadores, o chamado spread, que varia de acordo com o contrato).

O objetivo, diz Coutinho, é melhorar as condições "para quem o crédito ficou mais seletivo" com o agravamento da crise. Na faixa de R\$ 16 milhões a R\$ 90 milhões de faturamento, a taxa cobrada pelo BNDES cai de 16,13% para 14,71%. Para empresas com maior faturamento, se mantém estável.

Na entrevista, o presidente do BNDES disse esperar que os agentes financeiros que realizam operações com o BNDES usem de forma mais intensa o Fundo Garantidor de Investimentos, espécie de seguro contra calote, para que possam também reduzir seus ganhos na concessão dos empréstimos.

"Esperamos que nosso esforço seja correspondido com moderação do spread", afirmou. A terceira linha do pacote será de fomento às exportações de bens de capital, setor que pode se beneficiar da alta do dólar e já vem buscando mercados no exterior para reduzir a capacidade ociosa, diz Coutinho.

Aqui, as taxas de juros cobradas pelo banco cairão de 12,94% para 11,62% no caso de bens com maior componente tecnológico, e de 14,43% para 13,64% para as demais máquinas e equipamentos.

"A exportação é um dos veículos viáveis para a retomada da economia", disse o presidente do BNDES. O pacote inclui ainda a redução de até 16% nos custos para aquisição de bens de capital, com ênfase em equipamentos indutores de eficiência energética. A expectativa do banco é que todos os novos produtos cheguem ao mercado ainda em fevereiro.

Paraná fecha 2015 com superávit primário de R\$ 1,9 bilhão

03/02/2016 – Fonte: Bem Paraná

O Paraná fechou 2015 com um superávit primário de R\$ 1,9 bilhão, invertendo o déficit de R\$ 178 milhões registrado em 2014.

O balanço com os resultados do ajuste fiscal foi apresentado nesta terça-feira (2) pelo secretário da Fazenda, Mauro Ricardo Costa. " Fizemos um esforço muito grande.

Aumentamos receita e, principalmente, reduzimos despesas. Renegociamos contratos, proibimos a contratação de pessoal, reduzimos horas extras e fizemos a migração de pessoal do fundo financeiro para o fundo previdenciário", disse.

O secretário destacou que, comparativamente, a redução de despesas foi maior do que o aumento das receitas. A receita corrente teve crescimento real – já descontada a inflação medida pelo IPCA de 10,67% no período – de 2,3%, para R\$ 39,98 bilhões. Já as despesas apresentaram recuo real maior, de 3,9%, para R\$ 27,6 bilhões.

"Isso mostra que houve um corte na carne por parte do governo. Antecipamos o ajuste fiscal, que só seria feito pelos outros Estados e pela União bem depois. As primeiras medidas vieram já em dezembro de 2014.

Isso nos dá muito boas perspectivas para 2016, com um programa de investimentos que deve somar cerca de R\$ 8 bilhões, dos quais R\$ 3,7 bilhões com recursos do Tesouro", disse.

Do lado das despesas, os destaques ficaram para a redução de gastos com pessoal e encargos, que tiveram queda real de 11,5% em 2015, para R\$ 18,83 bilhões.

Os gastos com contratos de prestação de serviços, por sua vez, registraram recuo, também em termos reais, de 2,6%, e somaram R\$ 2,93 bilhões. Somente a migração de 33 mil servidores para o fundo previdenciário representou, de acordo com Mauro Ricardo, um impacto de R\$ 1,5 bilhão a menos.

Do lado das receitas, a recomposição de alíquotas ajudou a receita tributária crescer, em termos reais, 3,4% em 2015, para R\$ 27,6 bilhões. Os destaques ficaram por conta do IPVA, com aumento real de 25,7%, para R\$ 2,75 bilhões, e do ICMS, com alta de 0,6%, para R\$ 22 bilhões.

SITUAÇÃO MELHOR

O secretário da Fazenda destacou que o Paraná foi o único Estado a ter crescimento da Receita Corrente Líquida em 2015. O aumento, já descontada a inflação, foi de 1,4%, para R\$ 31,8 bilhões. E termos nominais, a alta chega a 12,2%.

Em um comparativo entre os Estados até outubro – último número disponível – a Receita Corrente Líquida do Paraná registrava um aumento real de 4,7%, contra uma queda generalizada nas demais unidades da federação, como Distrito Federal, com recuo de 23,8%, Rio de Janeiro, com 13,8%, e Minas Gerais de 10,3%, por exemplo.

“O Paraná hoje tem uma situação diferenciada entre as demais unidades da federação. O Estado concedeu um aumento de 10,67% para os servidores estaduais enquanto muitos Estados estão parcelando o pagamento dos salários”, diz.

REPASSES AOS MUNICÍPIOS

O ajuste fiscal também beneficiou os municípios. Com o aumento das receitas, os repasses às administrações municipais cresceram 3,1% em termos reais em 2015, para R\$ 8,39 bilhões.

Os repasses referentes ao IPVA somaram R\$ 1,57 bilhão, com alta de 25%. Os repasses de ICMS ficaram estáveis, com R\$ 6,53 bilhões. Em termos nominais, houve um aumento de 8,9%.

UNIÃO

Os repasses aos municípios cresceram mesmo com a queda das transferências da União para o Paraná. Em 2015, os repasses do governo federal tiveram queda real de 2,7%, para R\$ 4,1 bilhões. Segundo o balanço, houve queda inclusive para a saúde, com recuo real de 3,7%, para R\$ 1,17 bilhão.

Ainda assim, o Paraná cumpriu com os índices de repasses para áreas vitais como saúde e educação. As despesas com educação sobre a receita líquida de impostos e transferências constitucionais e legais (RLI) ficou em 32,9% – acima do valor mínimo constitucional, de 30%. As aplicações em saúde ficaram em 12,03%, diante do valor mínimo de 12%.

DÍVIDA

Mauro Ricardo também apresentou um balanço sobre a situação do endividamento do Estado. A dívida consolidada líquida está em R\$ 15,4 bilhões, o que representou 48,52% da Receita Corrente Líquida e bem abaixo do limite, que seria de R\$ 63,6 bilhões.

“O Paraná reduziu em 10 pontos percentuais, desde 2012, o comprometimento da receita com a dívida e hoje tem um baixo endividamento, o que lhe confere uma situação confortável para contratação de empréstimos para investimentos”, disse Mauro Ricardo. Do total da dívida consolidada, R\$ 9 bilhões referem-se a dívidas com a União.

GASTOS COM PESSOAL

O governo estadual também reduziu o comprometimento da Receita Corrente Líquida com gastos de pessoal.

No Executivo, ele ficou em 43,3%, contra 47,06% em 2014. No consolidado geral, deixou o limite de alerta (54%) e ficou em 51,10% diante de 54,99% no ano anterior.

Mercedes aumenta linha de SUVs no Brasil com GLC e GLE Coupé

03/02/2016 – Fonte: Automotive Business



Com volumes baixos e alta rentabilidade, ao trazer de uma só tacada ao País os utilitários esportivos GLC (médio) e GLE Coupé (mistura de SUV e cupê), a Mercedes-Benz preenche mais alguns espaços que estavam vazios em sua linha de automóveis para competir no cada vez mais disputado segmento de carros premium no Brasil.

Os dois complementam a linha de SUVs da marca por aqui e acompanham de perto os movimentos dos principais concorrentes Audi Q5 e Q7, BMW X3 e X6, além de Land Rover Evoque e Discovery Sport.

Os dois SUVs da Mercedes chegam ao Mercado brasileiro em duas versões de acabamento cada. O GLC 250 parte de R\$ 222.900 e o GLC 250 Sport, com pacote visual AMG, chega a R\$ 264.900.

Já o GLE 400 Coupé começa em R\$ 415.900 e o GLE 400 Coupé Night, também com aparência mais esportiva, sai por R\$ 425.900. Os preços também acompanham a concorrência, embora existam algumas diferenças de estilo e motorização que não se repetem entre os SUVs de luxo nessa faixa de mercado de alto padrão.

Sem revelar expectativas de vendas, a direção da fabricante avalia que na média geral os dois novos SUVs ajudem a Mercedes-Benz a crescer em 2016, ou ao menos manter o bom desempenho de 2015, quando experimentou expressivo avanço nas vendas de 47%, o maior entre as marcas de luxo, com 17,5 mil emplacamentos – apenas 14 atrás da Audi que por muito pouco terminou o ano na liderança do segmento.

Para o diretor de automóveis da Mercedes para a América Latina, Holger Marquardt, o momento econômico “é difícil para prever qualquer número”, mas ele arrisca que “será o ano dos SUVs” para a marca, pois esses modelos ganham preferência cada vez maior dos brasileiros e no ano passado já representaram um terço dos negócios no País, mais de 80% disso correspondente à demanda pelo SUV pequeno GLA, lançado no ano passado.

“Com a chegada de toda a nova linha de SUVs ao mercado brasileiro, é esperado que a fatia deles aumente até um pouco mais em nossas vendas”, projeta Marquardt.

Todos os seis utilitários esportivos da Mercedes estarão a venda no Brasil em 2016, desde o clássico Classe G (trazido sob encomenda), os já lançados GLA – este começa a ser montado na nova fábrica de Iracemápolis (SP) no segundo semestre – e GLE (ex-ML), este mês chegam às concessionárias os agora apresentados GLC (ex-GLK) e GLE Coupé, e em março será a vez do GLS (que substitui o GL).

NOVA LINHA

GLC e GLE Coupé são representantes da nova linha de SUVs da Mercedes-Benz, que em 2015 adotou identidade visual redesenhada e nova nomenclatura para seus utilitários

esportivos, nas qual as duas primeiras letras do nome indicam o tipo de carroceria – no caso, SUVs inspirados no Classe G, o icônico 4x4 todo-terreno da marca lançado em 1979 e que até hoje recebeu poucas mudanças estéticas – e a última letra refere-se à plataforma. Assim o GLC é feito sobre a base do sedã médio Classe C, o GLE e sua versão Coupé sobre o sedã grande Classe E e o GLS sobre o topo de linha Classe S.

Em comum, todos usam a tração integral 4Matic, que controla automaticamente a força em cada uma das rodas de acordo com a necessidade do terreno.

E todos replicam a tradição da Mercedes-Benz com acabamento externo e interno esmerado, muito conforto, desempenho acima da média, direção extremamente agradável e estável, além de tecnologias de última geração.

O único pecado é que esses carros ainda não trazem ao mercado brasileiro boa parte do pacote de assistência ao motorista já oferecido na Europa, como frenagem automática de emergência (capaz de frear sem interferência do motorista quando “percebe” um pedestre ou outro obstáculo adiante), correção de rota em faixa (que detecta desvios na direção e reconduz ao caminho correto por meio de frenagens sutis) e até mesmo o piloto automático adaptativo, ACC, que reduz a velocidade e mantém distância segura do veículo à frente.

Essas funcionalidades não estão disponíveis no Brasil porque a Mercedes usa sensores para controlar esses dispositivos que trabalham em uma frequência exclusiva das forças armadas brasileiras e não pode ser usada aqui.

Fora dessas ausências, GLC e GLE Coupé vêm com amplo pacote de equipamentos e sofisticação tecnológica. Ambos têm faróis e lanternas de LED, bancos dianteiros com ajuste elétrico, piloto automático (cruise control sem ACC), comando sensível ao toque (touch pad) no console central para controle de várias funções como navegação e sistema de som, ar-condicionado digital de duas zonas de temperatura, fechamento de portas servo-assistido, freios adaptativos (que entendem ações de emergência e garantem mais carga à frenagem), secador de pastilhas e discos de freios ao detectar água, controles eletrônicos de estabilidade e tração, airbags de duplo estágio por todos os lados, detector de fadiga ao volante (avisa ao motorista que está na hora de parar e tomar um café), sistema PreSafe (na iminência de um acidente, retrai os cintos e ajusta banco e encosto de cabeça) e o Dynamic Select, que permite escolher modos de condução mais confortável, econômica, dois estágios esportivos ou em configuração individual, com mudanças na rigidez do volante, sensibilidade do acelerador e comportamento das trocas de marchas – aliás, GLC e GLE vêm com o mesmo eficiente câmbio automático de nove velocidades criado há pouco mais de dois anos pela ZF, que ajuda bastante na economia de combustível ao manter o motor abaixo de 2 mil rpm mesmo em velocidades acima de 100 km/h.

GLC, NA MEDIDA



Inteiramente novo, o GLC chega importado da Alemanha e substitui o GLK com mais estilo e diversas evoluções construtivas. O SUV médio da Mercedes-Benz ganhou mais espaço interno, ficou 5 cm mais largo e o porta-malas cresceu 80 litros. Apesar desse

crescimento, a carroceria emagreceu 80 kg com o uso mesclado de alumínio com aços de alta resistência. O motor 2.0 turbinado de quatro cilindros desenvolve 211 cavalos. Combinado com o câmbio automático de nove marchas, o design com menor arrasto aerodinâmico e a carroceria leve, o carro ficou mais eficiente, com consumo de gasolina 19% menor em relação ao antigo GLK, segundo o fabricante.

A nova suspensão adaptativa, as cinco opções do sistema Dynamic Select (conforto, economia, sport, sport+ e individual) e a tração integral permanente aumentaram o conforto de rodagem e a agilidade esportiva do veículo.

“O modelo faz parte de uma nova proposta da Mercedes-Benz para a linha de SUVs, caracterizados por maior versatilidade e dinamismo, proporcionando uma experiência totalmente nova no segmento de utilitários esportivos”, afirma Marquardt.



A versão Sport do GLC é “embelezada” com pacote visual AMG, que inclui escapamento com ponteira dupla, rodas de liga leve de 19 polegadas (a opção standard usa de 18”), para-choques com protetores inferiores integrados, teto solar panorâmico, bancos de couro e volante esportivos.

Com a integração da antena nos espelhos externos e no defletor do teto, foi eliminada aquela utilizada no teto. O GLC 250 Sport também traz de série o Active Parking Assist, assistente eletrônico de manobra que estaciona o veículo automaticamente em vagas paralelas ou perpendiculares.

GLE COUPÉ, DUPLA IDENTIDADE



Além de mudar o visual e o nome do ML, fabricado desde os anos 1990 na fábrica da empresa nos Estados Unidos, a Mercedes-Benz criou uma dupla identidade para o seu SUV grande, agora chamado de GLE.

Além da carroceria standard, mais parecida com seu antecessor e já lançada no Brasil no fim de 2015 somente com motorização diesel, também lançou o GLE Coupé, que introduz as linhas esportivas de um cupê no corpo de um SUV – como já fez a concorrente BMW como X6.

O GLE Coupé é a mais nova adição ao portfólio dos cupês da Mercedes-Benz, ao lado das opções duas-portas das séries C, E e S e dos quatro-portas CLS e CLA. A ideia é mesclar não só o design, mas também as qualidades dinâmicas de ambos os estilos, com a oferta de um SUV esportivo. Na prática, a combinação de robustez com as linhas fluídas e refinadas de um cupê é um tanto quanto desajeitada, com formas e proporções que não conversam entre si.

Mas se o visual parece estranho, porque diferente, o comportamento do carro atende perfeitamente a intenção de ter o melhor dos dois mundos em um só veículo.

O motor a gasolina 3.0 V6 biturbo de impressionantes 333 cavalos, em conjunto com o câmbio automático de também impressionantes nove velocidades, empurra com facilidade as 2,2 toneladas do GLE Coupé de 0 a 100 km/h em apenas 5,9 segundos – isso segundo medições do fabricante, pois na estrada a impressão é de tempo ainda menor.

Para isso basta escolher o modo "sport+" entre as cinco opções do Dynamic Select, que alonga as trocas de marchas, enrijece o volante elétrico e torna o acelerador extremamente sensível.

Nessa configuração de condução, a suspensão pneumática reduz em 1,5 cm a altura do carro, para aumentar a estabilidade, e assim o SUV se transforma em bólido que rapidamente faz crescer no visual à frente as traseiras dos outros carros.

Para dar ao GLE Coupé sua configuração 4x4 todo-terreno, a escolha no sistema Dynamic Select deve ser pela opção "slippery", que prepara o veículo e ajusta a tração integral para rodar em pisos de baixa aderência, como na neve ou barro. O lado SUV também é ressaltado pelas rodas de liga leve de 21 polegadas calçadas com pneus mistos.

Se a preferência for por uma condução mais tranquila, é só selecionar o modo "confort", ou "sport" para atuação intermediária entre conforto e a esportividade máxima do "sport+". E se nada disso agrada, resta ainda a configuração individual, ao gosto do freguês.



O interior requintado do GLE Coupé inclui revestimento de couro dos bancos e painéis, tela multimídia, volante esportivo com comandos multifuncionais, ajuste elétrico dos bancos na lateral da porta (foto à esquerda, no meio) e controle com touchpad no console central (embaixo, à esquerda).

No interior, o GLE Coupé é muito confortável para até cinco pessoas, com trilha sonora que poder ser tão potente quanto seu motor: o sistema de som e DVD Harman Kardon Logic 7 inclui 14 alto-falantes que despejam até 830 watts de potência.

A visibilidade noturna também foi melhorada pela iluminação LED Intelligent Light System, oferecida de série no modelo. Como elemento extra de charme, um luzes localizadas nos espelhos retrovisores externos projetam no chão a estrela da Mercedes-

Benz, ativada na abertura e fechamento do veículo, com o objetivo de iluminar o embarque e desembarque.

Para o mercado brasileiro, o GLE Coupé apresenta o pacote visual esportivo AMG Line, incluindo os spoiler dianteiro e traseiro, além de bancos, volante e pedais esportivos de alumínio. A versão mais cara Night tem a barra da grade do radiador e as carenagens dos espelhos externos em preto com alto brilho. No interior, as opções vão do preto pérola, preto pérola com costuras vermelhas e porcelana e preto, todos revestidos com couro Nappa.

VW começa recall do dieselgate na Europa

03/02/2016 – Fonte: Automotive Business



A Volkswagen começou a adotar na Europa as medidas técnicas apresentadas em dezembro para o recall dos motores diesel EA 189. Neste primeiro momento as alterações serão feitas nas unidades 2.0.

Os trabalhos começaram com a Amarok. O Passat será o próximo. As correções nos diferentes modelos serão feitas ao longo de todo o ano. As mudanças são necessárias para corrigir um software fraudulento instalado em diferentes versões desse motor. Apelidado de dieselgate, o problema resultou na demissão de vários executivos e na troca de boa parte do comando do Grupo VW.

Nos próximos meses serão feitos os ajustes também nos propulsores 1.2 e 1.6. Na terça-feira, 2, o ministro dos Transportes alemão, Alexander Dobrindt, e o presidente do conselho administrativo da VW, Herbert Diess, reuniram-se na oficina de uma concessionária Volkswagen em Berlim, Alemanha, para demonstração da aplicação prática da atualização de software a ser feita nos 2.0.

O tempo de trabalho estimado é de menos de meia hora nos modelos 2.0 e também nos 1.2 quando o trabalho destes tiver início. No caso dos 1.6 serão cerca de 45 minutos por causa da instalação de um orientador de fluxo de ar na admissão em complemento à mudança no software. Os 1.6 começam a receber as alterações a partir do terceiro trimestre.

Segundo a VW, a adoção das medidas técnicas terá início em outros países europeus, de acordo com as autoridades responsáveis.

Fras-le é certificada na China para pastilhas e lonas de freio

03/02/2016 – Fonte: Automotive Business

A filial da Fras-le na China recebeu a certificação de operação conferida pelo GB, órgão normalizador oficial do país que atesta a capacidade técnica da empresa brasileira na produção de lonas e pastilhas para freio. O certificado com validade até 2020 atesta que produção da fábrica em Pinghu está em conformidade com os padrões exigidos pelo

órgão regulador, representando a garantia de aceitação e confiança da marca pelo mercado local.

Para obter a certificação, a Fras-le Ásia teve colhidas amostras de fricção e componentes para freios fabricados na China que foram submetidos a avaliações no quesito desempenho e qualidade, obtendo aprovação em todos os testes.

Operando na China desde 2009, a unidade da Fras-le Ásia mantém processos de produção alinhados aos mesmos padrões das unidades do Brasil e dos Estados Unidos, onde a empresa mantém uma fábrica no Alabama. Em todas as operações, a empresa faz uso de tecnologias avançadas visando a certificação internacional dos mercados onde atua.

MAN Latin America inaugura primeiro centro de customização na Bolívia

02/02/2016 – Fonte: Automotive Business



A MAN Latin America inaugura seu primeiro centro de customização de caminhões na Bolívia localizado em Santa Cruz de La Sierra e dedicado às especificações dos transportadores. O ModCenter idealizado pelo importador Hansa recebeu investimento equivalente a R\$ 495 mil e em parceria com a implementadora Facchini já modificou mais de 30% dos modelos embarcados da MAN ao país em 2015.

Com 1,4 mil metros quadrados de área construída em um terreno de 6 mil metros quadrados no total, o ModCenter é dividido em boxes de montagem, setores administrativos, estacionamento, restaurante e áreas comuns. O investimento também inclui os equipamentos necessários para a realização dos serviços, como dispositivos pneumáticos e magnéticos.

No local é possível requisitar serviços de montagem de implementos rodoviários, como as opções para carga em geral, revestimento térmico, carga seca, guindaste, plataforma e semirreboque graneleiro.

Os clientes também podem solicitar o encurtamento do chassi, instalação da quinta roda ou ainda do terceiro eixo, que possibilita ao veículo carregar mais cinco mil quilos de carga útil.

“É muito importante que o cliente boliviano possa contar com estes serviços diferenciados para sua linha de produtos. É uma estratégia que fortalece nossas marcas no país, além de se tornar benchmarking para outros mercados latino-americanos”, destaca o vice-presidente de vendas e marketing de mercados internacionais da MAN Latin America, Marcos Forgioni.

A Hansa planeja ampliar o número de ModCenters nos próximos anos no país: “Nosso objetivo é instalar outros centros de modificação em La Paz e Cochabamba, que são as outras cidades com alta demanda para estes serviços no país”, confirma o gerente de área da Hansa, Javier Recacoechea.

Iveco vence grande licitação para micro-ônibus

03/02/2016 – Fonte: Automotive Business



A Iveco Bus venceu licitação promovida pelo Governo de Minas Gerais e fornecerá 417 chassis 70C17 de micro-ônibus, que serão encarroçados para o transporte escolar em cidades mineiras. Cada veículo terá capacidade para até 29 alunos. A venda foi feita por meio de pregão eletrônico.

As entregas devem ocorrer nos próximos seis meses. Segundo a Iveco, mais de 6 mil unidades desse chassi já rodam cumprindo o programa governamental Caminho da Escola. A Iveco Bus encerrou 2015 com alta de mais de 60% sobre 2014, apesar de o segmento de ônibus ter encolhido quase 40%. A divisão fabrica veículos para transporte urbano e de fretamento.

O chassi 70C17 pertence à linha Daily CityClass. Tem motor 3.0 de 170 cavalos com tecnologia EGR, que dispensa o uso de Arla 32. A transmissão tem seis marchas.

Artigo: Fracasso

03/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

A semana passada foi cheia de surpresas no Brasil e no mundo. Basta citar o movimento do Banco Central do Japão. Apenas confirmaram a verdade que se impõe a um número crescente de economistas que se libertaram do "cientifismo" e do "historicismo": a política monetária sem a cooperação da fiscal e da boa administração da dívida pública pode ser ou impotente ou muito custosa.

A dúvida cruel é a seguinte: os Bancos Centrais não sabem ou não têm instrumentos para resolver a crise que ajudaram a criar?

Os "cientifistas" são portadores de uma ciência apoiada no axioma: o homem é um operador que responde ao cálculo diferencial inscrito no seu cérebro pela evolução natural. Isso garantiu a sobrevivência da espécie e o domínio da natureza. Seu programa procura o máximo de satisfação do indivíduo, mas não sabe como integrá-lo na sociedade. Nele, a moeda e o crédito são meros artifícios facilitadores das trocas (no espaço e no tempo) e não poderosas instituições sociais que alteram o comportamento dos indivíduos.

Os "historicistas", por seu lado, sabem que a moeda e o crédito transcendem a troca, mas agarram-se a encantadoras narrativas que parecem por ordem nos eventos aleatórios pelos quais, seletivamente, a história se revela.

O seu axioma é este: a história obedece a leis. Logo, os seus bruxos, com o recurso da lógica dialética, podem descobri-las. Curiosamente, sabem o que fazer com a sociedade,

mas não sabem o que fazer com os indivíduos, a não ser que devem ser "reeducados" para a "nova" ordem social.

É impossível deixar de reconhecer que oito anos depois da crise de 2008 e de juro zero e trilhões de dólares despejados no mercado, o máximo que a política monetária fez foi, talvez, impedir uma crise maior do que a de 1929. Nessa, a resposta do Estado foi regular o setor financeiro.

Na sequência da crise de 2008, ao contrário, o setor financeiro dos Estados Unidos que controla o Congresso, regulou o Estado! No fundo, bem no fundo, essa talvez seja uma das razões pela qual ela ainda não terminou. Os investidores institucionais continuam a impor aos produtores de parafusos o curto-prazismo: a distribuição dos dividendos pretere o investimento!

É evidente que a sofisticação das instituições financeiras dos últimos 30 anos não facilitou os investimentos e, conseqüentemente, o crescimento econômico e o nível de emprego. Trabalhou para transformar o produtor de parafusos em "rentista" e piorou a distribuição de renda, o oposto do objetivo de qualquer sociedade civilizada! Está produzindo a eutanásia do produtor. Quando todos forem "rentistas" quem vai trabalhar? Os "robots", naturalmente.

(Antonio Delfim Netto - Ex-ministro da Fazenda, é economista e ex-deputado federal).

Embarques de minério da Austrália para China caem por fechamento de porto

03/02/2016 – Fonte: Reuters

Os embarques de minério de ferro para a China a partir do porto australiano de Hedland, responsável por um quinto do comércio marítimo do mundo, caíram 17,6 por cento em janeiro em relação ao mês anterior, depois que um ciclone tropical interrompeu as operações da unidade temporariamente, mostraram dados do porto.

O ciclone tropical Stan atingiu a costa como um furacão de categoria 2 na manhã de domingo a cerca de 120 km ao nordeste do porto de Hedland. A tempestade fechou o porto por 48,8 horas, informou a Ports Authority Pilbara, que opera a instalação, em um comunicado nesta quarta-feira.

A interrupção ocorreu enquanto o apetite por minério de ferro na China, maior consumidor da matéria-prima do aço, tem diminuído em meio a uma desaceleração do crescimento econômico do gigante asiático.

Os embarques do porto para a China recuaram para 26,52 milhões de toneladas no mês passado ante 32,17 milhões de toneladas em dezembro, afirmou a Autoridade Portuária.

A queda nas exportações de minério de ferro da China acontece em um momento em que o preço do minério de ferro opera próximo de mínimas de vários anos, devido a uma cautela sobre a demanda futura da China.

Vendas de automóveis nos EUA em janeiro são melhores que o esperado

03/02/2016 – Fonte: Reuters

As vendas de automóveis nos Estados Unidos tiveram resultado melhor que o esperado, com a indústria continuando a se beneficiar dos preços baixos da gasolina, crédito fácil e crescimento econômico moderado, disseram grandes montadoras nesta terça-feira.

As vendas tiveram queda de 0,3 por cento, com 1,15 milhão de veículos comercializados, disse a Autodata Corp. O desempenho ficou melhor que o declínio entre 0,5 e 5 por cento previsto por analistas pesquisados pela Reuters.

As vendas de automóveis em janeiro corresponderam a um ritmo anualizado de 17,58 milhões de unidades, disse a Autodata. A WardsAuto, que o governo norte-americano utiliza para análises econômicas, disse que o ritmo anualizado foi de 17,46 milhões e que as vendas mensais caíram 0,4 por cento, ante um ano atrás.

As mesmas tendências que impulsionaram as vendas em 2015 ajudaram a amenizar os desafios de dois dias de vendas a menos e uma grande tempestade de neve na Costa Leste do país.

A General Motors, a maior vendedora do mercado norte-americano, disse que as vendas tiveram alta de 0,5 por cento, enquanto aumentou sua participação no mercado de varejo, que não inclui vendas de frotas para agências de aluguel.

As vendas da Ford caíram 2,6 por cento, enquanto as da Toyota, a terceira maior montadora do mercado norte-americano, tiveram queda de 4,7 por cento.

Fitch diz que estrutura de capital da CSN é insustentável

03/02/2016 – Fonte: Reuters

A agência de classificação de risco Fitch reduziu a nota da CSN de "B+" para "B-", afirmando que a estrutura de capital da siderúrgica é insustentável sob as atuais condições do mercado e desafios para a venda de ativos do grupo.

"A Fitch não vislumbra a geração consolidada de lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) da CSN em níveis históricos de entre 4,5 bilhões e 6 bilhões de reais no curto prazo", afirmou a agência de classificação de risco.

A agência citou ainda forte queda nos preços do minério de ferro que continuará colocando pressão sobre as operações de mineração da CSN.

Apesar dos esforços do grupo para ampliar exportações de aço, a Fitch afirmou que o excesso de capacidade produtiva global do setor continuará a pesar sobre a indústria siderúrgica, resultando em limitada recuperação de preços domésticos e baixa lucratividade com as vendas externas.

Vendas da Volkswagen na Alemanha caem 8,8% em janeiro

03/02/2016 – Fonte: Reuters



As vendas de carros de passeio da Volkswagen caíram 8,8 por cento na Alemanha em janeiro, enquanto houve alta de 3,3 por cento nas vendas totais de veículos no maior mercado automotivo da Europa frente a um ano antes. Os licenciamentos de veículos na Alemanha em janeiro subiram para 218.365 unidades, segundo estatísticas da agência federal de transporte KBA.

A Volkswagen, que tem sido atingida pelo escândalo de fraude em testes de emissões de poluentes, viu as vendas de carros caírem para 47.147 unidades.

Separadamente, a Volkswagen afirmou que está começando a modificar motores na Europa que foram equipados com softwares que trapaceiam em testes de verificação de níveis de emissão de poluentes.

Enquanto isso, a Opel, que produz o Astra, modelo rival do Golf da Volkswagen, afirmou que suas vendas na Alemanha subiram 22 por cento, para 16.549 unidades. Os licenciamentos da Ford tiveram aumento de 19,2 por cento, para 14.945 unidades, segundo os dados da KBA.

Italiana Enel vê oportunidades em distribuição de energia no Brasil

03/02/2016 – Fonte: Reuters

A italiana Enel acredita que haverá oportunidades de aquisição no segmento de distribuição de energia elétrica do Brasil e está atenta para aproveitá-las, afirmou uma porta-voz da companhia nesta terça-feira, em nota.

A afirmação veio em resposta a questionamento da Reuters sobre eventual interesse da companhia em comprar uma fatia na distribuidora de energia Light, controlada pela mineira Cemig, que já anunciou que busca um parceiro para o negócio.

A Light atende parte do Rio de Janeiro, Estado em que a Enel atua em distribuição por meio da Ampla. A companhia italiana também controla no Brasil a Coelce, responsável pelo fornecimento no Ceará, e tem ativos em geração e transmissão.

"Uma série de ativos de distribuição está à venda no Brasil no momento e é amplamente conhecido que a Enel está interessada em agarrar oportunidades tanto no país quanto na distribuição", afirmou a Enel.

"No momento, não estamos focados em nenhum ativo específico, mas nos mantemos atentos à evolução desse negócio", adicionou a companhia.

O possível interesse da Ampla na Light foi noticiado na semana passada pela coluna de Ancelmo Góis, no jornal O Globo.

A Enel já havia manifestado interesse no setor de distribuição do Brasil anteriormente, quando a Eletrobras divulgou a intenção de vender suas subsidiárias de distribuição, a começar pela Celg-D, de Goiás, cujo leilão de privatização está previsto para março deste ano.

Na ocasião, a Enel disse que a Celg é "uma entre diversas opções para crescer mais no Brasil".

Em 2017, a Eletrobras espera iniciar um processo para vender outras seis distribuidoras de energia, que atendem Acre, Amazonas, Alagoas, Rondônia, Roraima e Manaus.

Exportações da Argentina para o Brasil têm nível mais baixo em dez anos

03/02/2016 – Fonte: R7

A Argentina exportou para o Brasil o equivalente a US\$ 487 milhões em janeiro, o valor mais baixo dos últimos 10 anos. Em relação ao mesmo mês do ano passado, a queda

foi de 37,8%, segundo levantamento da consultora Abeceb, especializada nas trocas comerciais entre os dois países.

Alguns dos produtos mais atingidos pela baixa foram de veículos de carga, automóveis e autopeças, plásticos, gás, inseticida e trigo em grãos. Desde que assumiu, no dia 10 de dezembro, o presidente Mauricio Macri colocou em vigor por decreto medidas favoráveis aos exportadores agrícolas. Ele extinguiu impostos a grãos e carne. A única exceção é a soja, principal fonte de ingresso de dólares, que teve a cobrança diminuída de 35% para 30%.

Foram mais beneficiados os produtores de trigo, que pagavam 23%, os de milho, cujo cultivo era taxado em 20%, e os de girassol (32%). No mesmo pacote, Macri anunciou o fim da cobrança sobre a exportação de carne, que era de 15%. Macri também desvalorizou o peso em 30%, ao liberar a compra e venda de dólares.

Enquanto a oposição o acusa de privilegiar os exportadores em detrimento de outros setores, especialistas no setor calculam que as ações devem demorar pelo menos um ano a ter efeito.

"O país perdeu 40% da produção de trigo e o Brasil começou a comprar da Rússia, o que não tem sentido", diz o secretário de Finanças da Federação Agrária, instituição que reúne médios e pequenos produtores na Argentina.

O comércio em geral entre os dois países caiu 19,7% em relação a janeiro de 2015. Na balança, o déficit no mês foi de US\$ 339 milhões para a Argentina. Na relação com o Brasil, os argentinos são o quarto fornecedor (atrás de China, EUA e Alemanha) e o terceiro comprador (atrás de China e EUA).